

O contôpera  
**O POLEGARZINHO**

Isabelle Aboulker

e a  
**A VERDADEIRA  
HISTÓRIA DE BABAR**

Francis Poulenc



**CATARINA MOLDER**, soprano e narração

**FRANCISCO SASSETTI** e **Inês Mendes**, piano

**Jorge Martins**, barítono

Coro Infantil da **COMPANHIA DE ÓPERA DO CASTELO**

Isabelle Aboulker (1938)

**O POLEGARZINHO** contôpera de Isabelle Aboulker (1938)

Francis Poulenc (1899-1963)

**A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BABAR**

Texto de Jean de Brunhoff

Versão portuguesa de Luis Rodrigues

## Compondo especialmente para os mais novos...

**BABAR:** um desafio musical para divertir pequenos e grandes.

Imaginemos o compositor Francis Poulenc ao piano, numa tarde de férias no campo com a família, algures em 1940, quando uma pequena sobrinha de 4 anos o desafia dizendo: "Ái, que músicas aborrecidas." Colocando-lhe o álbum de Babar de Jean de Brunhoff na estante do piano, a menina continua: "Vá toca antes isto!" Poulenc divertido começa a improvisar a partir das imagens do livro e das aventuras do pequeno elefante. Pouco a pouco os outros sobrinhos aproximam-se atraídos pela música e ficam maravilhados a ouvir. Mal sabia a pequena sobrinha e o tio Poulenc que esta brincadeira resultaria numa obra emblemática do compositor, pelo poder absolutamente sugestivo e contagiante da poesia e colorido da sua música e da ligação perfeita com a história, como uma autêntica banda sonora de um filme. O piano transforma-se num narrador poderoso, que nos faz acompanhar, cúmplices, a vida de Babar e ora nos comove às lágrimas, ora nos faz rir às gargalhadas, tal como desejava o próprio Poulenc - divertir pequenos e grandes!

**O POLEGARZINHO:** levar a ópera ao público mais jovem.

A história fantástica e aterradora (como quase todos os contos populares infantis) do Polegarzinho de Charles Perrault, serve de mote para o belíssimo contôpera da compositora francesa Isabelle Aboulker, que também assina o texto. Esta obra já de referência, na introdução do canto lírico e da ópera ao público mais jovem, une de maneira muito eficaz e com uma extrema economia de meios o conto, a palavra falada e a voz lírica, numa música luminosa, plena de frescura e humor, que entra rapidamente no ouvido de todos.

A história vai-nos sendo contada por um narrador e cantada pelos seus personagens daí o termo contôpera - um gênero misto, que conjuga a palavra falada da narração com o canto. A ópera é na sua essência uma história cantada, num formato maior e mais complexo, mas o seu princípio é este. Também é introduzido o conceito da tessitura correspondente a um determinado tipo de personagem. Tal como na tradição operática, o mau da fita ou o mais velho, ou ainda a voz da autoridade, é realizada pela voz grave masculina do barítono, neste caso o pai e o Ogre, cantados pelo mesmo cantor. Também a mãe e a mulher do Ogre são cantadas por um soprano que é a voz normalmente associada à heroína feminina, à pureza, à bondade, mas também à coragem. Tanto a mãe do Polegarzinho, como a mulher do Ogre são subjugadas pelos maridos, têm melhor fundo. Normalmente os heróis masculinos das óperas têm voz de tenor, mas como o herói desta história é uma criança, tem de ser um menino soprano, com uma voz aguda e cristalina, como a de um anjo salvador. Aliás todos os irmãos têm vozes agudas, demonstrando a sua tenra idade e vulnerabilidade.

Este conto revela-nos a extrema complexidade dos laços familiares e das situações que a vida nos faz passar, em que um pequeno herói, graças à sua esperteza e atenção, salva por várias vezes a sua vida e a dos seus irmãos das maiores adversidades: enfrentando o pai e a mãe, o Ogre e todos os perigos da floresta, embora não seja maior do que um pequeno polegar. A música de Aboulker, graças ao seu colorido e capacidade de comunicação, contrasta com o dramatismo da história, criando um universo muito apelativo para os mais novos. Um outro aspecto muito aliciante nesta obra, é sem dúvida a intervenção de crianças solistas que ao cantarem os pequenos heróis desta história, promovem uma identificação imediata com as crianças ouvintes.

## Biografias

### Isabelle Aboulker (1938)

Compositora francesa. Compôs numerosas obras corais, contos musicais , obras pedagógicas bandas sonoras e óperas para crianças, entre as quais "Cinderela", "La Fontaine e o corvo", "Doce e Barba azul", "Jeremias Fisher". Com uma linguagem musical muito expressiva dotada de grande poder de comunicação, Aboulker tem vindo a notabilizar-se nestas últimas décadas no repertório para pública jovem.

### Francis Poulenc (1899-1963)

Para além de um grande compositor francês que nos deixou uma extraordinária obra para piano, que levou a mélodie (canção erudita francesa) a um máximo de requinte e poesia, musicando os grandes poetas do seu tempo, com incursões de relevo na ópera e música sacra, Poulenc era também um exímio pianista e segundo dizem, gostaria também de ter sido um cantor de ópera. Embora não tenha sido dos compositores que mais inovou na história da música, trouxe-nos um estilo inconfundível, marcado por um lirismo e charme tipicamente franceses e parisienses.

### Charles Perrault (1628-1703)

Foi um escritor e poeta francês, que lançou as bases para um novo género literário: o conto de fadas, daí ser considerado o pai do conto de fadas. São-lhe atribuídos contos como o Capuchinho vermelho, A Cinderela, A bela e o monstro, Barba azul , o Polegarzinho.

### Jean de Brunhoff (1899-1937)

Foi um escritor e ilustrador francês, conhecido pela co-criação de babar, um personagem elefante de uma série de livros infantis, publicados pela primeira vez em 1931. A história foi originalmente contada pela sua esposa aos seus dois filhos.

### Catarina Molder, soprano , narração e direcção do projecto

Curso superior de canto e pós-graduação na Universidade de Hamburgo como bolseira do governo alemão e da Fundação Gulbenkian. Cantora dotada de grande versatilidade vocal e cénica. Tem-se apresentando nas principais salas do país. Desdobra a sua actividade de intérprete, com direcção artística e produção. Dando uma grande importância ao trabalho de sensibilização à música erudita junto dos mais novos, criou e dirigiu o projecto educativo Descobrir a música na Gulbenkian e lançou com a editora Leya , o livro/CD Vamos cantar os Clássicos. Fundou a Companhia de Ópera do Castelo onde desenvolve projectos de ópera inovadores para todos os públicos.

### **Francisco Sasseti**, piano

Iniciou os seus estudos com Maria Fernanda Costa, tendo concluído o bacharelato na classe da pianista Tania Achat e o mestrado em "piano performance" na Universidade de Cincinnati com Eugene Pridonoff. Apresenta-se como solista, embora centre grande parte da sua actividade na música de câmara e no trabalho com cantores líricos, tendo-se apresentado nas principais salas portuguesas mas também no estrangeiro. Participou também no livro/CD Vamos cantar os clássicos.

### **Jorge Martins**, barítono

Nasceu em Lisboa. Estudou na Escola de Música do Conservatório Nacional com Cristina de Castro e Ana Paula Russo. Muito versátil em termos de repertório, apresentou-se em numerosas papéis nas principais salas e teatros do país.

### **Inês Mendes**, piano

Estudou com António Rosa, Carla Seixas e Francisco Sasseti. Terminou a ESML com a profª Tânia Achat. É professora no Instituto Gregoriano e colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian.

### **Luis Rodrigues**, autor da versão portuguesa do contápera O Polegarzinho

Grande barítono português, que já realizou versões portuguesas para duas obras da compositora Isabelle Aboulker: Jeremias Fisher e Polegarzinho.

## **Companhia de Ópera do Castelo**

Dirigida artisticamente pela soprano Catarina Molder, a COC propõe-se desenvolver projectos musicais e Ópera com formatos flexíveis e inovadores a partir de propostas artísticas e estéticas que cruzem a tradição com a contemporaneidade. O seu lema é levar a ópera para todos os públicos, apostando na interdisciplinaridade, investindo no público do futuro, divulgando a boa ópera contemporânea, realizando novas encomendas, aliando ecletismo a uma eficaz economia de meios na procura de um novo paradigma para o universo lírico para o século XXI.

### **Coro Infantil da Companhia de Ópera do Castelo**

Todos estes meninos já participaram em diversas Óperas como "O limpa chaminés" de Benjamin Britten no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian e no Teatro Municipal de Almada e na ópera Jeremias Fisher de Isabelle Aboulker no CCB e TNSJ no Porto, para além de muitos concertos corais. Todos eles são estudantes de música e cantam em vários agrupamentos corais. Colaboram no coro da COC.

Martinho Ferreira, 13 anos | Luis Campos, 13 anos | Vicente Molder, 12 anos | Pedro Portas Fontes, 13 anos | Duarte Benard, 13 anos | Tomás Vieira, 14 anos

## 0 Polegarzinho

Música e texto Isabelle Aboulker

Versão portuguesa de Luis Rodrigues

### 1. Introdução

(irmão mais velho e irmãs) Era uma vez um lenhador e a sua mulher. Tinham sete filhinhas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 rapazinhas.

O mais novo com sete anos, só com dez o irmão mais velho,

E os seus pais, sem dinheiro, sem dinheiro, sem dinheiro!

Mos o que os entriscia mais era o mais novo ser assim pequena, Pequeno, muito pequenino.

Ela era tão pequeno. Que quando veio ao mundo não seria maior que um polegar...E foi assim eu se chamou O Polegarzinho.

O Polegarzinho era gozado por todos em sua casa e culpado por todos os males. E no entanto, era o mais esperto e o mais sensato dos sete irmãs e, se falava pouco, escutava muita.

Veio um ano muito mau e a fome foi tão grande que esta pobre gente resolveu desfazer-se dos seus filhos. "Como vê, não podemos alimentar os nossos filhos... e eu não consigo vê-los a morrer à fome à minha frente. Estou decidido a abandoná-los amanhã no bosque."

"Abandonar-nos amanhã no bosque...", escondido numa gaveta, o Polegarzinho tinha ouvido tudo o que os seus pais tinham dito, e durante o resto da noite, não dormiu nada, pensando em tudo o que tinha a fazer.

### 2. Canção do Polegarzinho

(Polegarzinho) Saltei da cama ao amanhecer, fui a correr até ao rio.

Enchi os bolsos, enchi os bolsos com pedrinhas brancas.

(irmãs) Saltou da cama ao amanhecer, foi a correr até ao rio

Encheu os bolsos, encheu os bolsos com pedrinhas brancas.

(Polegarzinho) E depois fui deitar-me outra vez, trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá

(Todos) E depois foi deitar-se outra vez, trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá

Saltou da cama ao amanhecer, foi a correr até ao rio

Encheu os bolsos, encheu os bolsos com pedrinhas brancas.

Nessa manhã, bem cedo, os pais levaram-nos para uma floresta muito densa,

onde uma pessoa a dois passos de distância já não conseguia ver a outra. O pai e a mãe, vendo-os ocupados a apanhar lenha... afastaram-se deles, disfarçadamente... e desapareceram num instante, por um atalho escondido. Oh!Oh! Oh! Assim que as rapazes se viram sozinhas, puderam-se a gritar com todas as forças. O polegarzinho deixou-as gritar, sabendo bem por onde iria regressar a casa, pois ao andar tinha deixado ao longo do caminho os pedrinhas brancas que tinha nos bolsos. Disse-lhes então: "Não tenham medo irmãs, vou-vos levar de volta!" e conduziu-os até casa, pelo mesmo caminho por onde tinham entrado na floresta. Chegados em frente à casa, não se atreveram a entrar. Encostaram-se todos à porta para escutar o que os seus pais diziam. Pareceu-lhes que eles estavam muito zangados!

### 3. Dueto dos pais

Ai de mim! Ai de mim!

Meus pobres meninos, onde estarão?

Que farão sozinhas na floresta? Ai de mim!

Se calhar os lobos já os comeram!

Ai de mim! Ai de mim!

Vais te calar mulher? Vais-te calar?

Dás-me cabo dos ouvidos, tu? Estás a irritar-me!

Se não te calas já, vais apanhar com o bastão! Não!

Já não suporto ouvir-te mais gritar, gemer e choramingar!

Sabes bem que foste tu quem quis abandoná-los!

Eu bem tinha dito que me ia arrepender!...

Quem é que me deu uma mulher tão detestável?

Ah, deste demónio já ninguém me vai livrar!

Ai de mim! Ai de mim! Ai de mim!

Para fazer parar a discussão, os sete rapazinhas puseram-se a gritar, todos juntos:

"Estamos aqui! Estamos aqui!"

A mulher do lenhador estava muito contente por rever os filhos e correu a abraçá-los.

Mas... no dia seguinte, ela e o seu marido lenhador resolveram-se a

abandoná-los de novo e, para não falharem no intento, a levá-los bem para mais longe do que na primeira vez.

O Polegarzinho tinha ouvido o pai e mãe a falar do seu malvado projecto.

Para ele, só restava uma coisa a fazer.

**"Miséria! Miséria!"** A porta estava fechada à chave!

Não podia sair e deixar pelo caminho as suas pedrinhas brancas!

Que importante lria usar o seu pão em vez das pedras, deitando-o às migalhas ao longo do caminho por onde fossem passando.

Pôs um pedaço de pão no bolso e, confiante, tornou adormecer até de manhã. E na manhã seguinte, bem cedo...

O pai e a mãe levaram-nos para o lugar da floresta mais espesso e mais sombrio...

E quando lá chegaram... Escaparam-se e deixaram-nos ficar! Oh! Oh! Oh...

#### **4. Os passarinhos viram as migalhas**

(Segundo irmão) "O Polegarzinho não desanimou,

e pensou que era capaz de encontrar facilmente o caminho,

seguindo o rasto do pão que deixara em toda a parte por onde foi passando.

Mas teve uma surpresa; não conseguiu encontrar nem um só pedaço!

Os passarinhos! Os passarinhos viram as migalhas e trataram de as comer..."

#### **5. Noite de Angústia**

(irmãos) Veio a noite e com ela um vendaval

que provocava um medo incontrolável.

Era como se ouvissem em toda a parte

os lobos com os seus ú-ú-ú-ú-ú-ú-ú-ú-ú-ú!

E depois veio a chuva forte e gelada

que a inda os fez sentir mais miseráveis!

Escoregavam, caíam, mortos de fome e de frio, na escuridão!

Apesar do cansaço, o Polegarzinho trepou ao cimo de uma árvore,

para ver se descobria alguma coisa.

Tendo voltado a cabeça para todos os lados, viu uma pequena luz como

de uma candeia, mas que estava muito longe, para lá da floresta. Caminhou lentamente nessa direcção com os seus irmãos e chegaram por fim à casa onde estava a candeia.

Bateram à porta e uma mulher veio abrir. O Polegarzinho disse-lhe que se tinham perdido e pediu dormida, por caridade. Ao vê-los num estado tão lastimoso, a mulher começou a chorar.

#### **6. E agora, pobres rapazinhos**

(A mulher do Ogre) Ai, e agora, pobres rapazinhos, como é que eu vou fazer? Não estão a ver que esta é a casa de um Ogre que come criancinhas?

#### **7. A súplica do Polegarzinho**

(Polegarzinho) Ai de nós, senhora, respondeu o Polegarzinho,

a tremer dos pés à cabeça. Mas que fazer?

É mais que certo que os lobos da floresta não vão deixar de nos comer esta noite,

se não quiser que nós fiquemos aqui,

e já que é assim nós preferimos

que seja o senhor Ogre a comer-nos.

Até pode sentir pena de nós,

se for a senhora a pedir...

A mulher do Ogre, que achou que os podia esconder até de manhã, deixou-os aquecerem-se à beira de um bom fogo, pois havia um carneiro inteiro a assar no espeto, para a ceia do Ogre.

Quando já começavam a aquecer e a sentir-se bem, ouviram bater três ou quatro grandes pancadas à porta: BUMBUMBUMBUM! Era o Ogre que regressava. Imediatamente, a mulher fê-los esconder debaixo da cama e foi abrir a porta.

#### **8. Canção do Ogre**

Mulherzinha, estou com fome.

Já está pronta a minha ceia?

Mulherzinha estou com sede.

Já serviste o vinho?

Mulherzinha, traz-me já um carneiro mal passado!

Mulherzinha, traz-me já quatro pipas de vinho!

Mulherzinha donde vem este odor bizarro?

Mulherzinha, isto tem  
qualquer coisa aqui que não está bem.

Cheira a carne fresca!

- Carne fresca? Estás enganada!

Cheira a carne fresca!

- Estás enganado meu esposo amado!

"Estou a ver que tu é que me queres enganar, maldita mulher", dizendo isto, pegou num facalhão enorme, foi direito à cama, tirou as crianças uma a uma do seu esconderijo. Já se preparava para as degolar, quando a mulher lhe disse: "Espera até amanhã. Vou alimentá-los bem esta noite e amanhã estarão mais gordinhos e bem melhores para comer".

O Ogre pensou que a burra da sua mulher, por uma vez, era capaz de ter razão. Deixou as crianças e foi beber uma dúzia de copos a mais que o habitual, o que lhe deu uma forte dor de cabeça e o obrigou a deitar-se.

## 9. O Ogre tinha sete filhas

(irmão mais velho) Sete filhas tinha o Ogre,

o Ogre tinha sete filhas,

que pareciam muito queridas,

mas não eram não, nem pensar, nem pensar!

Só carne fresca, nunca sobras!

Com esta dieta é normal

que o tom de pel destas Ogras

fosse um rosa natural, mas...

tinham alinhos bem hostis, hostis, hostis e...

e um narigão, bicuda, bucido, bicudo!

É uma oca enorme e dentes muito grandes pontiagudos!

É se ainda não eram muita más.

Prometiam vir a sê-lo,

pois até já mordiam os rapazinhos

para sugar o sangue...

Tinham feito deitar cedo as filhinhas, que dormiam todas as sete numa grande cama, tendo cada uma uma coroa na cabeça... Havia no mesmo quarto uma outra cama e foi nessa cama que a mulher do Ogre fez deitar os sete rapazinhos, que tinham todos na cabeça um boné de lá, depois

foi deitar-se junto do seu marido.

O Polegarzinha, que tinha reparado que as filhas do Ogre tinham coroas de ouro na cabeça e que temia que o Ogre ficasse com remorsos de não as ter degolado nessa mesma noite, teve uma ideia:

## 10. Coroas com bonés, bonés com coroas

(Polegarzinha) Saltei da cama e sem tardar,

bem ligeirinho fui trocar,

trocar o quê digam vocês: coroas com bonés!

(Todos) Saltou da cama e sem tardar,

bem ligeirinho fui trocar,

trocar o quê esta é das boas: bonés com coroas!

(Polegarzinha) Em silêncio, com medo de acordar

as filhas d'Ogre que dormiam, ferradinhas, ferradinhas.

(Todos) Em silêncio com medo de acordar

as filhas do Ogre que dormiam, a rressonar.

O Ogre acordou à meia-noite de muito mau humor, porque se arrependia de ter deixado para o dia seguinte o que podia ter feito na véspera. Lançou-se bruscamente para fora da cama, pegou no seu facalhão, subiu ao quarto das filhas. - Ah! Cá estão estes patifes! Não tardemos mais e trabalhemos arduamente!

## 11. Maldição e danação!

(Ogre) Maldição e Danação!

Vou cortar-lhes o pescoço.

Danação e maldição!

A estes reles fedelhos!

Mil demónios, maldição!

Vou cortar-lhes a cabeça.

Mil Demónios danação!

E amanhã vou comê-los!

Danações e maldições!

Que dor de barriga!

Mil trovões e vendavais!

Foi do vinho, bebi de mais!



Maldição e danação!

Vou cortar-lhes a cabeça!

Mil demônios e outros tais!

Já não vou esperar mais!

E dizendo estas últimas palavras, o Ogre cortou sem hesitar a cabeça às suas sete filhas. Depois, muito contente com o seu feito, foi-se tornar a deitar ao pé da sua mulher.

Assim que o Polegarzinho ouviu o Ogre a ressonar, acordou os seus irmãos e disse-lhes para se vestirem depressa e o seguirem.

Correram quase toda a noite, sempre a tremer e sem saber a onde iam.

Entretanto o Ogre, tendo acordado, disse à sua mulher: - Vai lá a cima buscar esses engracadinhos de ontem à noite.

E quando viu que ela demorava muito a voltar, subiu ao quarto. "Ah! Deuses do céu! Que fiz eu!" gritou ele, ao descobrir a medonha espectáculo. Louco de raiva ordenou: "Mulher! Dá-me depressa as minhas botas de sete léguas, para eu ir apanhar. Vão-mas pagar, esses pequenos monstros e mais depressa do que pensam!"

### 12. O Ogre saiu para o campo

(irmãos) Ogre saiu para o campo,  
de botas de sete léguas nos pés,

o Ogre procurou no campo tudo correu de lés a lés.

Entretanto as crianças que já não podiam mais,

e a quem faltavam cem passos para a casa dos seus pais,

viram o Ogre a caminhar de montanha em montanha,  
atravessando grandes rios como se fossem ribeirinhos.

Viram o Ogre a passar por cima da cidade  
esmagando tudo com maldade casa e gente, gente e casas.

O Ogre saiu para o campo  
de botas mágicas a andar.

O Ogre procura no campo,

o Ogre procurou no campo,

o Ogre procurou no campo mas acabou por se cansar.

### 13. Uma grande mentira

(Polegarzinho) "Como não há mais tempo a perder, disse-me para calçar estas botas de sete léguas para vir mais depressa. E também afim de que não pense que eu também sou um ladrão, um mentiroso e um aldrabão!"

A mulher do Ogre não percebeu nada, tão depressa tinha falado o Polegarzinho! Então ele voltou a dizer:

A mulher muito assustada, deu-lhe logo o que tinha, (pois o Ogre não deixava de ser bastante bom marido - apesar de comer criancinhas...).

### 14. Marcha triunfal do Polegarzinho

(Irmãos) O polegarzinho, carregado com todas a riquezas do Ogre, voltou a casa do seus pais, onde já se encontravam os seus irmãos. Bom e generoso, ofereceu a cada um uma parte das riquezas do Ogre e fez sempre o bem, todo o resto da sua vida.

Lá-lá-lá bom e generoso, lá-lá-lá-lá fez sempre o bem,

lá-lá-lá-lá fez sempre o bem no resto da sua vida.

Um, dois, três, quatro e foi a história, história,  
história do Polegarzinho

e foi a história, história, história do Polegarzinho  
que se tinha esquecido de crescer, de crescer,  
que se tinha esquecido de crescer!

E foi a história, história, história do Polegarzinho  
e foi a história, história, história do Polegarzinho,

os outros riam dele tão pequeno! Tão pequeno!  
Os outros riam dele tão pequeno,

mas pequenino, sem crescer,  
tinha ideias a valer e a melhor de entre tantas

foi a das pedrinhas brancas.  
Pequenino sem crescer, tinha ideias a valer

e a melhor de entre tantas  
foi mesmo a das pedrinhas brancas.

Bum, Bum, Bum, Bum, Bum, Bum,  
pedras brancas!

## Mini - glossário

**Ópera** - A ópera é um género musical, que nasceu há cerca de 400 anos em Itália, mais precisamente em Florença, por um grupo de compositores que se chamava a "Camerata Fiorentina" e que pretenderam criar um género dramático que unisse de forma eficaz a palavra, o teatro e a música. De facto, na sua essência, a ópera é uma história cantada, uma peça de teatro cantada e que acaba por reunir em si todas as artes: daí o nome italiano opera, que significa obra, uma obra total. Desde o seu nascimento, que a ópera passou por várias fases ao longo da história da música, ora abordando histórias e personagens mitológicos, ora políticos, ora sociais e humanos. No fundo, a ópera sempre foi um palco da sociedade, cultura e costumes das várias épocas, como uma espécie de ponte para conhecermos a vida e a história do passado. Ficou imortalizada por compositores como Monteverdi, Handel, Mozart, Rossini, Verdi, Wagner, Puccini, Bizet, cujas óperas se consideram as óperas de repertório que fazem parte das temporadas dos teatros de ópera e se ouvem por todo o mundo.

**Introdução/abertura** - Normalmente as óperas têm uma introdução instrumental onde o compositor apresenta os temas musicais principais que marcarão a ópera e que aparecem associados a personagens ou acontecimentos - uma forma de preparar o público e de criar suspense para o vai acontecer.

**Ária** - Um momento de expressividade e emoção musical. A acção pára e o cantor mostra a sua beleza e capacidades vocais. Normalmente é associada a um momento de dor - um lamento, ou de grande alegria, ou lembrança de memórias passadas.

**Recitativo** - Nos recitativos a acção avança. Inicialmente os recitativos eram uma espécie de canto falado, acompanhados por um instrumento normalmente o cravo, tal acontecia nas óperas por exemplo de Haendel (Barroco) e Mozart ( Classicismo) . No século XIX tornaram-se mais complexos, mais cantados e já acompanhados por toda a orquestra.

**Dueto** - Momento em que dois cantores cantam juntos, em que acção pode avançar ou onde nos são reveladas partes omitidas da história, em forma de recordação, com todos os cambiantes possíveis: amor, vingança, ódio, saudade, tristeza, júbilo.

**Contópera** - Género misto, que conjuga o conto e a ópera, através da alternância da narração, com momentos musicais e com pequenas canções/árias e duetos.

**Conto musical** - Um conto narrado em que a música vai descrevendo e ilustrando a acção narrada.

**Teatro de ópera** - Grandes teatros , construídos nos séculos XVIII, XIX e inícios do século XX, dotados de excelentes condições acústicas, designados "à italiana" porque possuem um palco inclinado, envolvido por uma plateia, com camarotes todos à volta em vários andares,

ricamente decorados, com lustres, veludo, embutidos dourados, pinturas, esculturas, frontões e baixos relevos. Tiveram o seu apogeu com o apogeu da própria ópera no século XIX, em que esta era o acontecimento cultural e social mais importante da sociedade da época. Nos teatros de ópera tudo se fazia, firmavam-se casamentos e negócios, jogava-se, comia-se nos camarotes. Eram espaços de grande convívio social, económico e político.

**Vozes líricas** - Vozes trabalhadas através de um treino muscular e respiratório, no sentido de se projectarem em grandes teatros, ouvindo-se através de uma grande orquestra. São de certa forma uma espécie de atletas de alta competição do canto. Este treino vocal também pode ser realizado, embora de uma forma mais suave e adaptada às vozes das crianças, já que estas naturalmente têm o instrumento da voz "bem oleado". As crianças falam naturalmente alto e podem gritar todo o dia sem se cansarem isso só prova a sua boa respiração e um óptimo alinhamento físico, que são o meio caminho andado para ter a voz "no sítio".

**Gritar ou cantar** - No fundo, existem sons que o cantor lírico, (normalmente agudos) que são autênticos gritos sustentados e que representam à semelhança da vida real, manifestações de dor, de terror ou de grande alegria.

**Tessituras** - Quando as cordas vocais são mais pequenas produzem vozes mais agudas. Quando mais longas são as cordas vocais mais grave e escura é a voz. De uma forma geral os baixos profundos (a voz mais grave masculina) são homens muito altos. As vozes mais agudas femininas são soprano, seguida do meio-soprano e contralto. As sopranos normalmente desempenham personagens de mulheres mais jovens, boas, corajosas, são muitas vezes as heroínas das óperas. As vozes mais graves são mulheres mais maduras, sensuais e algumas vezes são as mães da fita. Existe uma correspondência idêntica nas vozes masculinas. O tenor, a voz mais aguda, é habitualmente o jovem herói, cheio de vigor e coragem. O barítono, voz média, o homem astuto, sedutor, mais velho, muito vezes o vilão usurpador, mas também pode encarnar o bonacheirão divertido. A voz mais grave masculina é o baixo e esta é a voz da autoridade e da razão.

**Vozes de crianças** - As crianças, tanto meninos como meninas, têm vozes agudas de uma maneira geral. As mais agudas de todas que podem subir muito alto e dar notas muito agudas, são sopranos, as que têm um timbre mais grave são contraltos. Isto deve-se muito simplesmente ao facto de terem uma laringe (a parte da garganta onde estão as cordas vocais) também pequena e umas cordas vocais pequenas, produzindo frequências mais agudas. Normalmente os rapazes têm um timbre ligeiramente mais encorpado do que as meninas. Com a mudança de idade a laringe e as cordas vocais do rapazes crescem e alongam-se muito, daí as vozes descerem cerca de uma oitava. As vozes das meninas também descem mas muito menos. Existem compositores que escreveram obras maravilhosas para serem cantadas exclusivamente por crianças e que conheciam muito bem as potencialidades e características das suas vozes como o próprio Mozart (os três meninos da "Flauta Mágica"), ou o compositor inglês Benjamin Britten, que nos deixou várias óperas e obras corais, o nosso grande compositor Português Fernando Lopes-Graça e claro a Isabelle Aboulker.

**Duas obras extraordinárias compostas especialmente para introduzir as crianças ao mundo fascinante do piano e da ópera, numa ligação perfeita entre a palavra, o canto e a música.**

## **O POLEGARZINHO**

Isabelle Aboulker (1938)

Contópera com a versão portuguesa de **Luis Rodrigues**

1. Introdução 2. Canção do Polegarzinho 3. dueto dos pais 4. Os passarinhos viram as migalhas 5. Noite de angústia  
6. E agora, pobres rapazinhos 7. A súplica do Polegarzinho 8. Canção do Ogre 9. O Ogre tinha sete filhas 10. Corais com bonés  
11. Maldição e dança 12. O Ogre saiu para o campo 13. Uma grande mentira 14. Marcha triunfal do Polegarzinho

**Coro infantil da Companhia de Ópera do Castelo** (elementos)

**Martinho Ferreira** (Polegarzinho), **Vicente Molder** (irmão mais velho), **Luis Campos** (segundo irmão)

**Pedro Portas Fontes**, **Duarte Benard** e **Tomás Vieira**.

**Catarina Molder** (soprano): narração, mãe e mulher do Ogre

**Jorge Martins** (barítono): pai e Ogre

**Francisco Sasseti**: piano

## **A VERDADEIRA HISTÓRIA DE BABAR**

Francis Poulenc (1899-1963)

Texto **Jean de Brunhoff**

15. Na grande Floresta 16. Babar perde a mãe 17. Babar na cidade com a senhora velhinha 18. Artur e Celeste  
19. Regresso à grande floresta 20. Um novo rei! 21. O rei babar e a rainha Celeste 22. Cai a noite

**Catarina Molder**: narração

**Francisco Sasseti** e **Inês Mendes**: piano

**Duração total** - 48:23

### **Agradecimentos especiais**

Francisco Sasseti, aos Pais e meninos que participaram neste CD, Jorge Martins, Inês Mendes, Luis, Rodrigues, Luis Caldeira e ao CCB

**CCB Edições**® - Companhia de Ópera do Castelo

**Concepção e direção artística:** Catarina Molder

**Produção:** Companhia de Ópera do Castelo - Ópera para todos no século XXI

[www.operadocastelo.com](http://www.operadocastelo.com)

**Captação, edição, desenho de som e masterização:** Luis Caldeira

**Apoio captação:** Ricardo Costa



**CCB Edições**® - Companhia de Ópera do Castelo

[www.operadocastelo.com](http://www.operadocastelo.com)